

## Adaptação de tirinhas e gibis para o Sistema Braille e produções textuais de alunos do ensino fundamental: práticas desenvolvidas na revista *Pontinhos*, do Instituto Benjamin Constant

*Comics and comics strips adaptation to the braille system, texts productions from students of elementary school: practices developed at magazine Pontinhos, from Instituto Benjamin Constant*

Raffaella de Menezes Lupetina<sup>1</sup>  
Daniele de Souza Pereira<sup>2</sup>  
João Batista Alvarenga<sup>3</sup>

### RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo divulgar e demonstrar o trabalho de adaptação de tirinhas e/ou gibis para o Sistema Braille desenvolvido para a revista *Pontinhos*, do Instituto Benjamin Constant (IBC). O hipergênero Quadrinhos, que tem como característica principal o uso de imagens, pode e deve ser adaptado para pessoas com deficiência visual, possibilitando o acesso a esse gênero textual. Além das adaptações das tirinhas, explicitamos também as produções textuais desenvolvidas pelos alunos do ensino fundamental do IBC. Observa-se predominância de produção textual de alunos cegos quando estão no primeiro segmento do ensino fundamental, em contrapartida a uma maioria na produção de textos por alunos com baixa visão no segundo segmento do ensino fundamental.

Palavras-chave: Leitura. Adaptação. Tirinhas. Revista *Pontinhos*.

### ABSTRACT

This experience report aims to disseminate and demonstrate the task to adapt comic strip or comic books to the Braille system developed for the magazine *Pontinhos*, from Instituto Benjamin Constant (IBC). The comic hipergender, main characteristic is the use of images, can and should be adapted for the visually

---

1 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Benjamin Constant (IBC). E-mail: raffalupetina@gmail.com.

2 Bacharel e Licenciada em Letras (Português-Literaturas) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UFRJ). Assistente em Administração do Instituto Benjamin Constant (IBC) e membro da Comissão Editorial das Revistas em Braille. E-mail: danielereira@ibc.gov.br.

3 Revisor de texto Braille do Instituto Benjamin Constant (IBC) e membro do Conselho Editorial das Revistas em Braille. E-mail: joabatista@ibc.gov.br.

impaired, enabling access to this gender. In addition to the adaptations of comic strips, we underline also the textual productions developed by elementary students of IBC. This report observed a predominance of textual production of blind students when they are in the first segment of the elementary school, in contrast to a majority in the production of texts for students with low vision in the second follow-up of elementary school.

Keywords: Reading. Adaptation. Comic strips. Magazine *Pontinhos*.

## 1. Introdução

Neste texto, traremos o relato de práticas que vêm sendo desenvolvidas pela equipe da Coordenação das Revistas em Braille do Instituto Benjamin Constant (IBC), centro de referência na área de deficiência visual. Essa coordenação se responsabiliza pela produção da *Revista Brasileira para Cegos* (RBC), voltada ao público adulto, e pela revista *Pontinhos*, dedicada ao público infantojuvenil. Cabe ressaltar que as revistas são distribuídas gratuitamente em todo o território nacional, além de diversos países da América do Sul, África e Europa, contribuindo para a prática de leitura, entretenimento, lazer e educação das pessoas com deficiência visual.<sup>4</sup> Atualmente, a RBC conta com 3.297 assinantes e a *Pontinhos*, com 2.945, englobando pessoas físicas e jurídicas.<sup>5</sup>

Em 2014, a equipe da revista *Pontinhos*<sup>6</sup> criou uma coluna denominada “Leio, logo escrevo”, destinada a publicar textos produzidos pelos alunos do ensino fundamental do IBC. Essa proposta teve (e tem) como principal objetivo incentivar a produção textual dos alunos, a fim de que possam reconhecer-se como autores de seus textos.

A coluna conta com textos de alunos do primeiro segmento do ensino fundamental, do segundo ao quinto anos, e também com textos dos alunos do segundo segmento, do sexto ao nono anos. A edição número 351, publicada no período de

---

4 Mais informações podem ser encontradas no site do Instituto Benjamin Constant, <http://www.ibc.gov.br/>, no campo destinado às “Publicações em Braille”.

5 Atualização feita em 4 de maio de 2016.

6 Equipe formada, em 2014, pela Comissão Editorial das Revistas em Braille e as professoras Marcia de Oliveira Gomes e Raffaella de Menezes Lupetina.

outubro a dezembro de 2014, foi a primeira que contou com a coluna “Leio, logo escrevo”. Desde então, as publicações subsequentes apresentam textos inéditos produzidos pelos estudantes do IBC.

A criação dessa coluna marcou a parceria entre o Departamento de Educação (DED) e o Departamento Técnico-Especializado (DTE), por meio da Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação (DDI). Essa união, acima de tudo, tem como objetivo proporcionar o desenvolvimento da educação de crianças e jovens com deficiência visual.

Ao perceber a participação dos alunos na produção textual, a equipe da revista *Pontinhos* teve a iniciativa de realizar a adaptação de tirinhas em quadrinhos para incluir na revista. Dessa forma, os leitores passariam a ter acesso a essa nova linguagem textual, mais comumente usada pelos videntes.<sup>7</sup> Desse modo, desde a edição número 354, publicada no período de julho a setembro de 2015, a *Pontinhos* conta com tirinhas adaptadas para o Braille.

Cabe ressaltar que, neste relato de experiência, trazemos considerações sobre duas práticas desenvolvidas na revista *Pontinhos*: as adaptações de tirinhas para o sistema Braille, que são expostas na coluna denominada “Tirinhas”, e as produções textuais de alunos do ensino fundamental, incluídas na coluna “Leio, logo escrevo”.

A revista divide-se em duas seções: a infantil e a juvenil.<sup>8</sup> “Leio, logo escrevo” está inserida nas duas: na infantil, com as produções textuais dos alunos do primeiro segmento do ensino fundamental, e na juvenil, com os textos dos alunos do segundo segmento do ensino fundamental. A “Tirinhas”, por sua vez, está na seção juvenil, com adaptações para o sistema Braille realizadas pela equipe da revista *Pontinhos*.

---

7 Vidente: termo utilizado para designar as pessoas que enxergam.

8 A seção infantil contempla colunas como “Cantigas de Roda”, “Trava-Línguas”, “Cordel” e “Histórias para ler e contar”, que seriam direcionadas ao público do primeiro segmento do ensino fundamental, enquanto a seção juvenil apresenta colunas voltadas aos alunos do segundo segmento do ensino fundamental, como, por exemplo, “Você sabia?”, “Historiando” e “Cuidando do corpo e da mente”. No entanto, todas as colunas podem e devem ser lidas por faixas etárias diferentes.

## 2. O início da revista *Pontinhos*

*Pontinhos* foi criada por Renato Monard da Gama Malcher,<sup>9</sup> em 1959, com o lema “Educar Recreando, Instruir Divertindo, Convencer Esclarecendo”, tema que norteia a publicação até os dias de hoje. *Pontinhos* nasceu como suplemento da *Revista Brasileira para Cegos* (RBC), fundada em 1942 por José Espínola Veiga<sup>10</sup> (MEC/ IBC, 2014). A preocupação do professor Malcher com a juventude leitora era notória:

**Na esperança de educar recreando, instruir divertindo, convencer esclarecendo, eis aqui PONTINHOS.** Procurará seguir trilha meditada e dentro de suas possibilidades. Será ótimo se executar o planejado; aceitável se apenas parte dele for concretizado. É propósito de *PONTINHOS* manter-se atualizado sem, todavia, desprezar o tradicional, quando consagrado pela patente utilidade. Para tanto, buscará sempre as melhores fontes, na certeza de que a verdade é uma só, às vezes arranhada superficialmente, mas, intacta em sua essência, confiada aos que são puros nos sentimentos e nas ações. *PONTINHOS* tem uma ideia fixa e um desejo ardente: **despertar na juventude o gosto pela boa leitura, tornando-o progressivo, a fim de que ele se torne na mocidade um hábito salutar e, na idade madura, uma necessidade.** Se o conseguir, terá contribuído para a formação de pessoas instruídas, úteis a si e à família, fase indispensável a que se tornem, pela educação, pessoas de bem, úteis à pátria e às coletividades. Poderá, então, justificar o seu aparecimento. Que Deus assim o permita, iluminando e abençoando os propósitos de todos os que concorrem para que *PONTINHOS* possa colher tão ambicionados frutos, cujo valor depende de serem eles sazoados pelo aplauso e adocicados pelo reconhecimento de seus leitores. Renato M. da Gama Malcher (MEC/IBC, 2014, p. 37, grifos nossos).

Cabe citar que, na década de 1960, a revista *Pontinhos* teve sua publicação suspensa devido à falta de recursos materiais. No entanto, retornou na década seguinte, na gestão de Renato M. da Gama Malcher como diretor do IBC, e Jonir Bechara Cerqueira, como chefe da Seção de Publicação para Cegos (MEC/IBC, 2014).

No período de 1979 a 1991, João Delduck Pinto Filho foi o responsável pela chefia da Seção de Publicações para Cegos do IBC, contemplando as edições da *RBC* e

---

<sup>9</sup> Renato Monard da Gama Malcher foi educador, professor e a primeira pessoa cega a assumir a direção do Instituto Benjamin Constant no ano de 1970 (MEC/ IBC, 2014).

<sup>10</sup> José Espínola Veiga foi professor de inglês do Instituto Benjamin Constant. Pioneiro, inaugurou a prática do livro falado no Brasil (MEC/ IBC, 2014).

da *Pontinhos*. A partir de 1992, a chefia da Imprensa Braille foi assumida por Anivan Pinto Martins e contou com o apoio de Kate de Queiroz Costa, que desempenhou papel fundamental na continuidade das revistas:

Kate não foi indicada; mas, ante a necessidade, ela mesma se designou. Eis suas palavras: 'Eu sabia que era feita para as revistas'. Mulher objetiva, Kate declarou: '**Levar entretenimento, informação e cultura a esta clientela é uma obrigação, um dever**'. E não apenas isto. **Preocupada com o uso do Sistema Braille como fator indispensável e/ou complementar à solidificação do conhecimento na pessoa com deficiência visual, acrescentou: 'A palavra escrita é indispensável à formação intelectual do cego, pois quem não lê jamais poderá grafar corretamente as palavras'** (MEC/IBC, 2014, p. 73, grifos nossos).

A partir da fala de Kate de Queiroz Costa, é possível perceber a importância atribuída à leitura na formação da pessoa com deficiência visual. Tal convicção permanece nos dias de hoje para a equipe atual da revista *Pontinhos*. Kate coordenou as revistas por quase vinte anos, afastando-se no ano de 2011 e deixando a seguinte mensagem: "Não gostaria que as revistas morressem jamais, pois são as únicas do Brasil" (MEC/IBC, 2014, p. 75).

### 3. Histórias em quadrinhos: como usar esse gênero textual

A inserção das histórias em quadrinhos na educação é uma prática que vem ocorrendo ao longo dos anos. Segundo Vergueiro e Ramos (2009), tem aumentado a presença do gênero textual das histórias em quadrinhos nos livros didáticos, também como reflexo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

Os últimos anos [anteriores a 2009] têm pautado a presença das histórias em quadrinhos na escola, tanto como atividade de leitura quanto em práticas usadas em sala de aula. Dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) ao Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), houve uma gradativa inserção do tema na área educacional brasileira. Mais do que isso: os quadrinhos se tornaram política educacional do país. A presença dos quadrinhos no ambiente escolar – incentivada pelo governo federal – tem gerado novos desafios aos professores e trazido à tona uma adiada necessidade de se compreender melhor a linguagem, seus recursos e obras (VERGUEIRO e RAMOS, 2009, Apresentação).

O volume dos Parâmetros Curriculares Nacionais dedicado ao ensino de Língua Portuguesa recomenda o uso de quadrinhos. Na parte de gêneros adequados ao trabalho com a linguagem escrita correspondente aos conteúdos de Língua Portuguesa para o primeiro ciclo, sugere-se o uso de “**quadrinhos**, textos de jornais, revistas e suplementos infantis: títulos, lides, notícias, classificados etc.” (BRASIL, 1997, p. 72, grifo nosso). Para o segundo ciclo, também é citado o uso de quadrinhos no trecho em que trata dos gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita: “cartas (formais e informais), bilhetes, postais, cartões (de aniversário, de Natal etc.), convites, diários (pessoais, da classe, de viagem etc.); **quadrinhos**, textos de jornais, revistas e suplementos infantis: títulos, lides, notícias, resenhas, classificados etc.” (BRASIL, 1997, p. 82, grifo nosso). Além disso, os quadrinhos também aparecem em outros trechos do PCN:

Os conteúdos dos temas transversais, assim como as práticas pedagógicas organizadas em função da sua aprendizagem, podem contextualizar significativamente a aprendizagem da língua, fazendo com que o trabalho dos alunos se reverta em produções de interesse do convívio escolar e da comunidade. Há inúmeras situações possíveis: produção e distribuição de livros, jornais ou **quadrinhos**, veiculando informações sobre os temas estudados (BRASIL, 1997, Conteúdos de Língua Portuguesa e Temas Transversais, p. 37, grifo nosso).

Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, **revistas** (infantis, **em quadrinhos**, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros (BRASIL, 1997, Recursos Didáticos e sua utilização, p. 61, grifo nosso).

Conforme observado, o PCN sugere o uso de quadrinhos em sala de aula, na biblioteca escolar, apontando esse gênero como um dos elencados para a aprendizagem da língua portuguesa e adequado para se trabalharem os temas transversais.

Segundo a citação que trouxemos de Vergueiro e Ramos (2009), além dos PCN, o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) também contribuiu para o aumento do uso dos quadrinhos no universo escolar. Segundo o portal do Ministério da Educação (MEC), no que se refere ao PNBE:

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito em anos alternados: em um ano são contempladas as escolas de educação infantil, de **ensino fundamental (anos iniciais)** e de educação de jovens e adultos. Já no ano seguinte são atendidas as escolas de **ensino fundamental (anos finais)** e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no Censo Escolar. [...] O programa divide-se em três ações: avaliação e distribuição de obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e **livros de história em quadrinhos**; o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio, e o **PNBE do Professor, que tem por objetivo** avaliar e distribuir obras para professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico (Portal MEC, grifos nossos).<sup>11</sup>

O Edital do PNBE 2015, publicado em 2014, que contempla os anos finais do ensino fundamental, traz como sugestões de obras a serem utilizadas os livros de imagens e livros de histórias em quadrinhos: “3.6.6. livros de imagens e livros de **histórias em quadrinhos**. 1.1. Qualidade do texto. [...] **No caso das histórias em quadrinhos será considerada como critério preponderante a relação entre texto e imagem** e as possibilidades de leitura das narrativas visuais” (MEC, PNBE 2015, p. 2, 29, grifos nossos).

No Edital de 2014, que contempla os anos iniciais do ensino fundamental, no que diz respeito aos quadrinhos, temos:

3. Da Caracterização das Obras [...] 3.2.3.3. Livros de imagens e livros de **histórias em quadrinhos**, dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal, artisticamente adaptadas ao público dos anos iniciais do ensino fundamental; 3.2.4.3. Livros de imagens e livros de **histórias em quadrinhos**,

---

11 Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso 22 jun. 2016.

dentre os quais se incluem obras clássicas da literatura universal, artisticamente adaptadas ao público de educação de jovens e adultos (ensino fundamental e médio).

1.1. Qualidade do texto [...] **Nos livros de imagens e quadrinhos também será considerada como critério a relação entre texto e imagem** e as possibilidades de leitura das narrativas visuais (MEC, PNBE, 2014, p. 2, 20, grifos nossos).

De acordo com Yamaguti (2014), o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi criado no ano de 1997 com o intuito de democratizar o acesso ao livro e, conseqüentemente, à leitura. No ano de 2006, o PNBE passou a selecionar obras em quadrinhos. A autora corrobora Vergueiro e Ramos (2009) e afirma que os autores veem que o programa sentiu a necessidade de se trabalharem gêneros não verbais no PCN, referindo-se ao uso de charges, cartuns e tiras em livros didáticos e provas. Todavia, devemos atentar para o fato de que tanto os estudiosos quanto o PCN e o PNBE referem-se aos quadrinhos e livros didáticos formulados para crianças e jovens videntes, não pensando especificamente em sua adaptação para leitores deficientes visuais.

Segundo Gouvêa e Gonçalves (2011), as histórias em quadrinhos (HQs) passaram a ser utilizadas em sala de aula como um meio de proporcionar a prática da leitura de forma mais lúdica e estreitar a relação professor-aluno. As autoras realizaram uma pesquisa com professores (as) do município do Rio de Janeiro no ano de 2008 e identificaram que as HQs têm sido usadas com frequência no espaço escolar.

Para que a aula e todo o processo educativo aconteçam, a **relação professor-aluno** e as técnicas de ensino [...] são fundamentais. Esta é uma das razões por que os **educadores procuram formas mais lúdicas de ensinar, buscando o interesse de seus educandos**. E, pelo exposto, nos interessamos em trabalhar com práticas didáticas que têm como recurso uma das mídias contemporâneas – **as histórias em quadrinhos** (GOUVÊA e GONÇALVES, 2011, p. 94, grifos nossos).

Ainda de acordo com as autoras, mesmo as histórias em quadrinhos que são voltadas ao entretenimento se refletem na formação do indivíduo. As HQs podem con-

tribuir para que o aluno saiba interpretar um texto, exercendo a reflexão sobre o que foi lido, além de aumentar o interesse pela leitura e a escrita.

As histórias em quadrinhos se constituem como mídia de massa e, como tal, elas divulgam informações, podendo formar opiniões e provocar reflexões. Mesmo aquelas destinadas puramente ao entretenimento têm também sua participação na formação do indivíduo. [...] Os quadrinhos podem contribuir de diversas formas em práticas educativas, pois, além de entreter, essa forma de arte também pode fornecer subsídios para o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e reflexão do leitor. Eles podem também estimular a imaginação e a criatividade e, fundamentalmente, despertar o interesse pela leitura e pela escrita, contribuindo para a produção de textos (GOUVÊA e GONÇALVES, 2011, p. 100).

As autoras apontam que o uso das HQs como recurso didático pode contribuir de forma significativa na sala de aula, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa. Entre os itens que podem ser trabalhados a partir das HQs, temos: variação linguística, preconceito linguístico, fala e escrita, aspectos da oralidade, caracterização dos personagens, concisão/coesão textual e criatividade. Esse último item pode ser trabalhado em uma atividade em que os alunos recontem as histórias lidas ou reescrevam os diálogos, incentivando releitura, oralização e escrita.

Quanto à definição de histórias em quadrinhos, temos a contribuição de dois autores brasileiros que percebem as HQs como um recurso que utiliza as imagens e o texto no processo de narração.

A melhor definição para histórias em quadrinhos está em sua própria denominação: é uma história contada em que quadros (vinhetas), ou seja, por meio de imagens, com ou sem texto, embora na concepção geral o texto seja parte integrante do conjunto. Em outras palavras, é um sistema narrativo composto por dois meios de expressão distintos, o desenho e o texto (IANNONE e IANNONE apud GOUVÊA e GONÇALVES, 2011, p. 95).

Dentro do gênero história em quadrinhos, pensamos que é importante compreender qual a relação entre tira, charge e cartum. Segundo Ramos (2009):

(01) **vários gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos; é o caso da charge, do cartum**, dos diferentes gêneros autônomos das histórias em quadrinhos [...] **e das tiras** (entre eles, as tiras cômicas); (02) predomina a sequência

textual narrativa, que tem nos diálogos um de seus elementos constituintes; (03) há personagens fixos ou não; alguns dos trabalhos se baseiam em personalidades reais, como os políticos; (04) **a narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos** e varia conforme o formato do gênero, padronizado pela indústria cultural[...] (06) **a tendência é de uso de imagens desenhadas**, mas ocorrem casos de utilização de fotografias para compor as histórias (p. 361, grifos nossos).

Conforme Ramos (2009), a charge, as tiras e o cartum utilizam a linguagem dos quadrinhos. Esses gêneros têm como principais características uma narrativa sequencial, que pode ocorrer em um ou mais de um quadrinho, com a utilização de imagens ou fotografias que têm como objetivo a construção de uma história. Ainda segundo o autor (2009), outra característica predominante é o “uso da linguagem gráfica das histórias em quadrinhos (como os balões). [...] Quadrinhos ou história em quadrinhos seriam um grande rótulo, que agregaria diferentes gêneros comuns” (p. 362). Nesse sentido, os cartuns, as charges, as tiras cômicas ou seriadas pertencem ao hipergênero Quadrinhos.

Ramos (2006) explica que os quadrinhos mesclam dois códigos: o verbal, em forma de balões de fala, onomatopeias e legendas, e o visual, em forma de quadrinhos, imagens e montagem. Para ele, apesar de os personagens não emitirem sons, “os leitores leem suas palavras e têm a impressão de ouvi-las em suas mentes” (p. 6). Logo, da mesma forma que o autor desloca o foco da imagem para trabalhar a questão da oralidade, é possível também utilizarmos os quadrinhos, por meio da adaptação, para a prática da leitura e da escrita por alunos com deficiência visual, mesmo se tratando de um gênero que tem forte característica imagética.

Segundo Moller e Ferreiro (2013), a tirinha é um gênero que une a cultura literária e a audiovisual e, ao mesmo tempo, privilegia a oralidade:

Uma tirinha é uma combinação de história narrada e ilustração artística, ou seja, textos sequenciados e ilustrações. É um gênero vinculado com a cultura literária e audiovisual [...]. Na oralidade que as histórias representam – uma conversa entre falantes cara a cara – não só transmitem informações, mas também valores ou estados emocionais através da modulação da voz de cada falante (MOLLER e FERREIRO, 2013, p. 297-298).

As autoras afirmam que, muitas vezes, essas sequências de textos e ilustrações vêm acompanhadas de símbolos expressivos de pontuações, cuja representação oral é difícil, como surpresa, dúvida e suspeita. Mesmo utilizando entonações de voz diferentes, ficamos limitados ao tentar oralizar os sinais de pontuações das tirinhas que têm como objetivo transmitir um sentimento. Por isso, em alguns momentos no processo de adaptação de tirinhas para o sistema Braille, empregamos mais de uma frase para demonstrar o sinal de pontuação ou a fisionomia do personagem.

Nesse sentido, a partir das referências e reflexões explicitadas sobre o hiper-gênero Quadrinhos e o gênero Tirinhas, cabe trazer dados sobre as práticas desenvolvidas na revista *Pontinhos*.

#### **4. Produções realizadas na revista *Pontinhos***

##### *4.1. Adaptação de tirinhas para o sistema Braille*

Além dos dados teóricos e do relato do caminhar desenvolvido pela equipe da *Pontinhos*, faz-se necessário trazer dados quantitativos, demonstrando o que já foi realizado no que se refere à adaptação de tirinhas.

Inicialmente, cabe explicitar como foi realizado esse processo de escolha e como estruturamos suas adaptações. Desde o princípio, julgamos relevante buscar tirinhas mais “clássicas”, com personagens que já circularam (ou ainda circulam) no interior de jornais, revistas ou gibis. Por que não trazer para o universo dos deficientes visuais produções conhecidas pelos videntes? Percebemos que essa é uma aspiração possível.

Após selecionar quais seriam essas histórias e personagens, entendemos que deveríamos ter o cuidado de escolher tirinhas que trouxessem temáticas relevantes para os jovens leitores, como: educação, política, família, ambiente escolar e relações sociais. Não poderíamos pinçar aleatoriamente; precisávamos trazer leituras que fizessem a juventude refletir e pensar de forma crítica. Além disso, percebemos que, para inserir as adaptações na revista *Pontinhos*, existia a necessidade de um texto introdutório, apresentando os personagens, a época em que surgiram e quem os criou, a fim de contextualizar o leitor.

A periodicidade de *Pontinhos*, atualmente, é trimestral, razão pela qual adaptamos tirinhas até a edição número 359, que corresponde à última publicação do ano de 2016. A seguir, apresentamos um quadro contendo as datas conforme a periodicidade das publicações:

**Quadro 1:** Tirinhas adaptadas para a revista *Pontinhos*

Edição	Periodicidade	Tirinhas adaptadas
Número 354	julho-setembro de 2015	Mafalda
Número 355	outubro-dezembro de 2015	Garfield
Número 356	janeiro-março de 2016	Turma da Mônica
Número 357	abril-junho de 2016	Calvin
Número 358	julho-setembro de 2016	As Cobras
Número 359	outubro-dezembro de 2016	Snoopy

Cabe trazer o exemplo de uma das adaptações realizadas para a coluna “Tirinhas” da revista *Pontinhos*:

**Figura 1:** Tirinha do Garfield



Fonte: Internet

Adaptação da tirinha:<sup>12</sup>

Tirinha em sete quadrinhos.

Quadrinho 1 – Garfield, deitado, pensa: “Gatos...”

Quadrinho 2 – Levanta-se lentamente: “Nós gatos somos inteligentes, bonitos...”

Quadrinho 3 – Caminha: “Peludos, amigos...”

Quadrinho 4 – Começa a subir na cama de Jon: “Brincalhões...”

Quadrinho 5 – Já deitado sobre Jon: “Legais...”

Quadrinho 6 – Garfield sacode Jon para acordá-lo.

Quadrinho 7 – Jon, de pijama, ajoelhado, coloca comida para Garfield, que conclui: “E os donos da casa”.

Em cada edição de *Pontinhos*, adaptamos aproximadamente quatro tirinhas, conforme o quadro a seguir:

**Quadro 2:** Quantidade de tirinhas adaptadas em cada edição

<b>Edição</b>	<b>Tirinhas adaptadas</b>	<b>Quantidade de tirinhas adaptadas</b>
Número 354	Mafalda	3 tirinhas
Número 355	Garfield	4 tirinhas
Número 356	Turma da Mônica	4 tirinhas
Número 357	Calvin	4 tirinhas
Número 358	As Cobras	4 tirinhas
Número 359	Snoopy	3 tirinhas
<b>Total: 6 edições</b>		<b>22 tirinhas adaptadas</b>

12 Essa adaptação foi escrita no sistema Braille, revisada e posteriormente publicada na edição da *Pontinhos* número 355, correspondente ao trimestre de outubro-dezembro de 2015.

Em meio às buscas de tirinhas que melhor atendessem ao público-alvo da revista *Pontinhos*, encontramos o gibi *Revista Acessibilidade*, publicado por Maurício de Souza no ano de 2012, como uma edição especial que traz, além dos personagens principais da Turma da Mônica (Mônica, Magali, Cascão e Cebolinha), os personagens Dorinha, Luca, Humberto e André, que são, respectivamente, uma cega, um cadeirante, um surdo e um autista. Esses personagens ilustram situações cotidianas que demonstram ausência de acessibilidade na sociedade atual.

Diante disso, a equipe da *Pontinhos* decidiu adaptar o gibi *Revista Acessibilidade*, com o objetivo de publicá-lo em Braille como seu suplemento.

#### 4.2. Produção textual dos alunos para a coluna “Leio, logo escrevo”

Também é relevante trazer dados quantitativos sobre os textos produzidos pelos alunos, como forma de demonstrar sua participação na coluna “Leio, logo, escrevo”.

**Quadro 3:** Produção textual dos alunos do ensino fundamental do IBC para a revista *Pontinhos*

<b>Edição</b>	<b>Periodicidade</b>	<b>Textos 1º segmento</b>	<b>Textos 2º segmento</b>
Número 351	outubro-dezembro de 2014	2	1
Número 352	janeiro-março de 2015	—	—
Número 353	abril-junho de 2015	4	3
Número 354	julho-setembro de 2015	4	3
Número 355	outubro-dezembro de 2015	2	2
Número 356	janeiro-março de 2016	2	2
Número 357	abril-junho de 2016	2	2
<b>Total:</b>		<b>16</b>	<b>13</b>
<b>TOTAL DE TEXTOS: 29</b>			

Cabe ressaltar que a maioria dos textos foi produzida individualmente e alguns deles, em grupo.

Pensamos que também pode ser interessante apresentar o quantitativo de alunos cegos e de baixa visão que produziram os textos, assim como o ano de escolaridade, a fim de percebermos o perfil do alunado que vem escrevendo para a revista, contribuindo para que possamos evoluir e atingir mais alunos.

**Quadro 4:** Perfil dos alunos que produzem textos para revista *Pontinhos* do primeiro segmento do ensino fundamental

<b>Edição</b>	<b>Textos 1º segmento</b>	<b>Cegos</b>	<b>Baixa Visão</b>	<b>Escolaridade</b>
Número 351	2	2 alunos	0 aluno	3º e 5º anos
Número 352	—	—	—	—
Número 353	4	4 alunos	0 aluno	3º e 5º anos
Número 354	4	3 alunos e 1 turma <sup>13</sup>	0 aluno	3º e 4º anos
Número 355	2	2 alunos	0 aluno	3º ano
Número 356	2	1 aluno e 1 trio	0 aluno	4º ano
Número 357	2	2 alunos	0 aluno	4º ano
<b>Total:</b>	<b>16</b>	<b>14 alunos, 1 turma e 1 trio</b>	<b>0 aluno</b>	

A partir do Quadro 4, percebemos que, no primeiro segmento do ensino fundamental, a produção textual provém totalmente de alunos cegos, sendo a maioria de 3º e 4º anos, alguns de 5º ano e nenhuma produção do 2º ano.

<sup>13</sup> A turma do 4º ano escreveu um texto intitulado "Funk do Rio 450", em homenagem aos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro.

**Quadro 5:** Perfil dos alunos que produzem textos para revista *Pontinhos* do segundo segmento do ensino fundamental

<b>Edição</b>	<b>Textos 2º segmento</b>	<b>Cegos</b>	<b>Baixa Visão</b>	<b>Escolaridade</b>
Número 351	1	0 aluno	1 aluno	7º anos
Número 352	—	—	—	—
Número 353	3	0 aluno	3 alunos	6º, 8º e 9º anos
Número 354	3	0 aluno	3 alunos	8º e 9º anos
Número 355	2	1 aluno	1 aluno	6º e 8º anos
Número 356	2	2 alunos	0 aluno	6º e 7º anos
Número 357	2	2 alunos	0 aluno	6º e 7º anos
<b>Total:</b>	<b>13</b>	<b>5 alunos</b>	<b>8 alunos</b>	

A partir do Quadro 5, percebemos que, no segundo segmento do ensino fundamental, a maior parte da produção textual é oriunda de alunos com baixa visão, quantitativo contrário ao da predominância do primeiro segmento. Vale ressaltar que o 6º ano apresentou mais textos.

Esses quadros demonstrativos nos fazem refletir sobre a razão pela qual os alunos cegos do primeiro segmento entregaram mais produções do que os alunos de baixa visão, enquanto, no segundo segmento, mais alunos com baixa visão entregaram suas produções em relação aos alunos cegos. No primeiro segmento, foram 16 produções textuais de alunos cegos e nenhuma produção textual de alunos com baixa visão, enquanto no segundo segmento foram cinco textos de alunos cegos e oito textos de alunos com baixa visão, o que demonstra uma diferença menor.

Percebemos que, como a revista ainda é distribuída somente em Braille,<sup>14</sup> torna-se mais acessível aos alunos cegos, estimulando-os, conseqüentemente, a produzirem mais. Cabe ressaltar que o endereço eletrônico do IBC também disponibiliza as publicações, mas nem todos os alunos têm acesso a computadores.

A partir desses dados, questionamos por que os alunos com baixa visão do segundo segmento continuam produzindo textos, mesmo ainda não tendo *Pontinhos* em letra ampliada. Pensamos que o interesse é mantido porque as revistas são entregues e lidas em sala de aula, ação que valoriza e estimula o aluno escritor; por ser uma turma mista, os alunos cegos realizam a leitura em voz alta.

Já no primeiro segmento, não existe essa possibilidade, pois as turmas não são mistas (alunos cegos ficam em uma turma, e aqueles com baixa visão, em outra), não tendo como uma criança cega ler a produção textual para uma criança com baixa visão. Essa última dependeria de o professor realizar a leitura do texto em voz alta. Cabe ressaltar que, nas séries iniciais, é necessária e importante essa separação de turma por sistema de escrita e leitura, pois os alunos ainda estão consolidando os conhecimentos de matemática no soroban e da alfabetização em Braille ou letra ampliada.

Freire (2011) ressalta a importância do ato de ler e que devemos incentivar a produção a partir do universo do educando, das experiências e dos anseios trazidos pelos sujeitos, o que dialoga com nossa hipótese de que a leitura do aluno cego valoriza e enaltece a produção do aluno com baixa visão. Segundo o autor, o “movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo através da leitura que dele fazemos” (FREIRE, 2011, p. 29).

Almeida (2014) também nos auxilia a pensar sobre a necessidade da prática da leitura como instrumento de formação do indivíduo como leitor.

A leitura pode converter-se num instrumento fundamental para que novos objetivos sejam alcançados quanto à formação desse novo leitor. [...] A leitura traz ao universo infantil um extraordinário volume de possibilidades quanto

---

14 No segundo semestre do ano de 2016, espera-se que os alunos com baixa visão recebam as edições em letra ampliada.

ao incremento do intelecto e à criação de um ser verdadeiramente humanizado. **Ao ouvir uma história, a criança lê, mesmo que indiretamente, através da leitura que lhe é oferecida.** O pequeno leitor precisa ser incentivado e estar em plena sintonia com esse instante em que o real e o imaginário fundem-se na formação de uma nova realidade e com esse leitor que lhe propicia aprender essa mesma realidade. **A experiência de ler incentiva o diálogo,** vantagem o pensamento. Não pode ficar circunscrita em si mesma. **O compartilhamento é o caminho** que serve de fomento à extensão do ideário humano (ALMEIDA, 2014, p. 17, 77, 78 e 80, grifos nossos).

Segundo a autora, ao ouvir uma história, a criança lê, mesmo que indiretamente, o que nos remete à prática que observamos nas salas de aula do segundo segmento do ensino fundamental, em que alunos cegos realizam a leitura dos textos em Braille da *Pontinhos* para os alunos com baixa visão, o que valoriza a produção textual do autor e incentiva o compartilhamento de saberes.

## 5. Considerações finais

Ressaltamos que a adaptação de tirinhas e gibis para o Sistema Braille, buscando atender ao público deficiente visual, é uma prática ainda pouco realizada. Percebemos que muitos de nossos alunos desconhecem o hipergênero Quadrinhos. Dessa forma, esperamos que este Relato de Experiência sirva para divulgar essa prática e inspirar outros a realizarem algo semelhante.

A adaptação de tirinhas e gibis é uma prática a que a revista *Pontinhos* pretende dar continuidade. A equipe tem, inclusive, como proposta um “Projeto Tirinhas”, para incentivar os alunos a escreverem/criarem suas próprias tirinhas. Essas seriam publicadas em uma edição à parte, denominada “Coletânea de tirinhas desenvolvidas pelos alunos do Instituto Benjamin Constant”.

Para que esse e outros projetos se concretizem, a permanência e a continuidade da adaptação das tirinhas e gibis na *Pontinhos* são de extrema importância, a fim de que os alunos conheçam mais essa linguagem e gênero textual e, no futuro, possam produzir textos nesse formato.

Quanto a “Leio, logo escrevo”, cujo objetivo é incentivar a leitura e a escrita dos alunos, percebemos, a partir dos dados analisados, a importância de distribuir *Pontinhos* em formato acessível para todos, cegos e com baixa visão.

Consideramos que a leitura e a escrita são atividades essenciais à formação educacional dos discentes. Assim, a coluna apresenta-se como relevante instrumento pedagógico nesse processo. Em sua concepção, *Pontinhos* surgiu como uma publicação responsável por levar educação, cultura e entretenimento aos jovens, vide o lema: “Educar Recreando, Instruir Divertindo, Convencer Esclarecendo”. Pretendemos, portanto, com essas atividades desenvolvidas, manter a essência da revista.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Gloria de Souza. *A importância da literatura como elemento de construção do imaginário da criança com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2014.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Questões da Nossa Época.)

GOUVÊA, Guaracira e GONÇALVES, Rosilene Ramos. Histórias em quadrinhos no trabalho docente de professores da rede municipal de ensino da cidade do Rio de Janeiro. In ROIPHE, Alberto e FERNANDEZ, Marcela Afonso (orgs.). *Gêneros textuais: teoria e prática nos anos iniciais do ensino fundamental*. Rio de Janeiro: Rovel, 2011.

MEC. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Básica. Edital de Convocação 03/2014 – GPLI. Edital de Convocação para Inscrição e Seleção de Obras de Literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola. *PNBE 2015*.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de

Educação Básica. Edital de Convocação 04/2012 – GPLI. Edital de Convocação e Seleção de Obras de Literatura para o Programa Nacional Biblioteca da Escola. *PNBE 2014*.

MEC/IBC. Suplemento Comemorativo dos 160 anos do Instituto Benjamin Constant. Um sonho, diversas trajetórias. *Revista Brasileira para Cegos*. Editado na Divisão de Pesquisa, Documentação e Informação. Impresso na Divisão de Imprensa Braille, ano LXXII, número 534, jul.-set. de 2014.

MOLLER, Maria Angélica e FERREIRO, Emilia. O diálogo nos quadrinhos. Como escolher a pontuação apropriada? In FERREIRO, Emilia. *O ingresso na escrita e nas culturas do escrito: seleção de textos de pesquisa*. Tradução de Rosana Malerba. São Paulo: Cortez, 2013.

RAMOS, Paulo. É possível ensinar oralidade usando histórias em quadrinhos? *Revista Intercâmbio*, v. XV. São Paulo. LAEL/PUC-SP, 2006.

\_\_\_\_\_. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 38 (3): 355-367, set.- dez. 2009.

SOUZA, Maurício de. Turma da Mônica. *Acessibilidade*. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Secretaria de Direitos Humanos, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro e RAMOS, Paulo (orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

YAMAGUTI, Vanessa. As adaptações literárias em quadrinhos selecionadas pelo PNBE: soluções e problemas na sala de aula. *Revista Olh@ares*, Guarulhos, v. 2, n. 1, p. 441-459, maio de 2014.

---

Recebido em: 12.5.2015

Modificado em: 2.7.2016

Aprovado em: 12.9.2016